

# DO MUNDO EDITADO À ARTE NA IDADE MÍDIA

## Uma análise reflexiva sobre os exercícios de ver e de expressão comunicativa experimentados por alunos do Ensino Médio no Colégio São Domingos em 2015 e 2016

JULIANA PÁDUA SILVA MEDEIROS (USP/CSD)

### Introdução

As revoluções tecnológicas<sup>1</sup> vêm desencadeando processos comunicativos cada vez mais complexos, bem como instaurando novas formas de produção, circulação e recepção das linguagens. Nessa era hipercomplexa, o grande desafio da educação tem sido, então, garantir um outro modo de ver e estar no mundo, uma vez que: “[...] O cidadão de hoje pede ao sistema educativo que o capacite a ter acesso à multiplicidade de escritas, linguagens e discursos nos quais se produzem as decisões que o afetam, seja no campo do trabalho, seja no âmbito familiar, político e econômico. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 58)

Nessa senda, o presente relato de experiências busca discorrer sobre dois projetos de investigação realizados no Ensino Médio, no Colégio São Domingos, em São Paulo, cujas propostas eram promover a leitura crítica dos meios de comunicação e a produção de bens midiáticos sob o viés artístico.

---

1 Para Lúcia Santaella, em *Linguagens líquidas na era da mobilidade* (2007), as revoluções tecnológicas podem ser classificadas em: *Industrial* (tecnologias do reprodutível – eletromecânica), da *Cultura de Massa* (tecnologias da difusão – eletroeletrônica), das *Mídias* (tecnologias do disponível e do descartável- mídias), da *Cibercultura* (tecnologias do acesso- mídias digitais) e da *Mobilidade* (tecnologias da conexão contínua- mídias locativas). De acordo com a autora, essas transformações geram formas de culturas específicas, embora o surgimento de uma formação cultural não anule as outras, visto que ocorre a sobreposição e a complexificação nos modos de coexistência

## Descrição dos projetos

Em 2015, à luz das discussões teóricas de Maria Aparecida Baccega, por volta de vinte alunos agruparam-se em uma sala multisseriada para investigar o mundo editado<sup>2</sup> a partir de exercícios de ver<sup>3</sup> e de produção midiática. O projeto levava em conta que:

Se o mundo a que temos acesso é este, o editado, é nele, com ele e para ele que se impõe construir a cidadania. O desafio, então, é como trabalhar esse mundo editado, presente no cotidiano, que penetra arditamente em nossas decisões e que, pela persuasão que o caracteriza, assume o lugar de ‘verdade’ única. (BACCEGA, 2004, pp. 124 e 125)

Por isso, sob a forma de um mosaico para a produção de conhecimentos, o projeto vislumbrou traçar a configuração da chamada era da informação; delinear o perfil cognitivo e social da geração z; conhecer a história da civilização escrita por meio da comunicação entre os homens; observar a evolução dos modelos comunicacionais, do papel do receptor e da interatividade; inteirar-se sobre novas formas de partilha da cultura, da arte e do conhecimento; compreender a complexidade do que se entende como autoria na contemporaneidade; analisar a interdiscursividade nos derives éticos, estéticos e políticos; refletir sobre o impacto das redes sociais; entender como funciona o efeito bolha; compreender o fenômeno transmidiático; identificar as diferenças entre os nativos e imigrantes digitais; exercitar um olhar crítico sobre publicidades, noticiários televisivos, mídia impressa e virtual; conhecer algumas técnicas/recursos de produção midiática; elaborar individual e/ou colaborativamente produtos midiáticos; discutir sobre censura, direitos autorais, liberdade de expressão, telenovela, publicidade infantil, entre outros.

No que tange à leitura crítica dos meios, os alunos foram convidados a refletir sobre a construção dos sentidos em textos verbais, imagéticos, sonoros, audiovisuais e hipermidiáticos a partir de uma espécie de “pesquisa-ação” sobre os discursos imbricados, pois uma educação de cunho humanista “[...] desvenda criticamente em cada mediação escolar (livro, filmagem, ferramenta comunicativa) o bom que existe no mau e o mau que se oculta

---

2 Consoante Baccega (2011), o mundo editado é aquele que se conhece através das mídias, isto é, a partir da subjetividade de quem produziu o conteúdo. Segundo a autora, o desafio do educador, na contemporaneidade, é dar condições ao aluno para que este possa entender o mundo através de sua própria subjetividade.

3 A expressão EXERCÍCIOS DE VER faz uma brincadeira linguística com o título de um livro de Jesús Martín-Barbero e Gérman Rey. Dessa forma, o vocábulo VER deve ser compreendido de forma alargada, abarcando quaisquer bens midiáticos. Sob esse veio, a experimentação do “mundo construído” configura-se como uma prática constantemente questionadora.

no mais sublime. Porque o humanismo não se lê nem se aprende memorizando, mas por contágio.” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 13).

À guisa de exemplo, os estudantes analisaram a história em quadrinhos *O sistema*, de Peter Kupler (1998); a campanha do dia dos namorados de *O Boticário* (2015); os noticiários sobre as manifestações de junho de 2013; a publicidade *Eu tenho, você não tem*, da tesourinha Mundial (1992); a campanha antiviolência contra a mulher *Slap her* (2015), entre outros.

No veio da produção midiática, destacou-se que a verdadeira comunicação não admite um discurso único, mas sim a possibilidade de muitas vozes. Por isso, foram experimentadas – de maneiras críticas, criativas e colaborativas – diferentes possibilidades de expressão: esquetes<sup>4</sup>, fanzines, cartazes, entrevistas, vídeos de bolso, animações, histórias em quadrinhos, agência de notícias, etc.

Ao longo do ano, foi possível vislumbrar o protagonismo juvenil em muitos momentos, como na elaboração da comunidade, no *Facebook*, *Caça às bruxas*<sup>5</sup>, em que os membros do grupo não se figuraram como meros executores de tarefas, mas como atores principais no processo comunicativo, determinando o que e como fazer.

Convém negritar que as alunas responsáveis pela comunidade supracitada, mesmo após a conclusão do 3º ano do Ensino Médio, continuam alimentando a página no *Facebook*, à exemplo da produção de um *meme* sobre atual gestão do presidente Michel Temer (leitura crítica dos meios de comunicação + produção midiática).

A partir de uma pesquisa dos casos *ciberbullying* noticiados na mídia, ocorreu também uma grande sensibilização dos educandos. Tantos os filmes a respeito da temática quanto as leis acerca dos crimes virtuais foram disparadores para uma empatia coletiva com as vítimas. Engajados, os discentes trataram do assunto por meio de folhetos e vídeos informativos.

No mais, compreendendo a importância de uma proposta educacional alinhada com a produção cultural na atualidade, o projeto buscou estimular a criação de bens midiáticos, não os subordinando necessariamente às tecnologias recentes, mas as novas formas poéticas de sentir e perceber o mundo.

Em um primeiro momento, os alunos experimentaram alguns procedimentos comuns no “mundo editado”: manipulação midiática (inverter os sentidos na edição), vídeos virais (disparar um conteúdo que atraía muitas curtidas), entrevista tendenciosa (editar perguntas para as respostas) etc.

---

4 Disponível em: Você é o que compartilhar? Acesso em 30 ago. 2016.

5 Disponível em: Caça às bruxas. Acesso em: 10 jun. 2016.

Sob um outro prisma, para além da compreensão da lógica produtiva, os estudantes foram convidados a se conectarem com a realidade social. O caso do garoto sírio, portanto, foi um grande disparador para articularem diferentes linguagens e se posicionarem acerca do naufrágio da humanidade por meio de cartazes. Em outra atividade, através da paródia e da adequação de linguagem, os discentes também brincaram com o universo das capas de revista (nicho x conteúdo).

No projeto *O mundo editado: exercícios de ver e de produção midiática*, as múltiplas experiências investigativas permitiram aos alunos evidenciarem a pluralidade, a polifonia, a complexidade das linguagens postas em circulação social de maneira criativa, bem como a potência do signo em construir sentidos.

Neste ano de 2016, sob o veio da arte-educação e da formação cidadã para a expressão comunicativa, o projeto *Arte na Idade Mídia: das reflexões sobre o universo midiático às experimentações artístico-tecnológicas* tem buscado promover um olhar sensível para a leitura das mais vastas formas de expressão artística presentes no universo midiático, bem como propiciar experimentações no campo da arte por meio de aparatos tecnológicos.

Cabe sublinhar que na chamada Idade Mídia, faz-se necessário um modo de olhar o mundo capaz de apreender a construção dos sentidos das mais complexas formas de expressão artística da sociedade contemporânea, pois o “[...] olhar viaja entre uma complexidade diferenciada de códigos, salta entre uma imagem modernista, uma citação clássica, uma visão experimental” (CANEVACCI, 2010, p. 10), ou seja, design, escultura, pintura, performance, fotografia, vídeo, arte pública, entre outros, acabam trazendo novos desafios ao homem, sejam nos processos de interpretação, produção ou interação. Diante disso, com o objetivo de aprimorar a sensibilidade estética e comunicativa frente a essas linguagens híbridas, fluídas, interativas que emergem do universo midiático, o referido projeto tem convidado o aluno a refletir e experimentar os diálogos entre Arte e Tecnologia.

Nesse sentido, ao longo deste ano, vem se discutindo sobre: as novas formas de representação do mundo a partir de imagens veiculadas no universo midiático; as relações entre arte, tecnologia e gamificação; o lugar da autoria nas produções interativas e colaborativas; a humanização das tecnologias pela arte, entre outros.

Quanto à produção midiática, os estudantes têm se embrenhado pelas mais diversas expressões comunicativo-artísticas, valendo-se também de recursos como a impressão 3d, o qr-code, o *light-painting*, a realidade aumentada, o georreferenciamento, o grafite digital, as placas de Arduíno e Makey Makey, etc, com o objetivo de explorar a prática cidadã por meio da convergência de linguagens, códigos, suportes, técnicas, materiais e dispositivos.

Assim, além de performances, vídeos-instalações, fotografias com intervenção digital, poe-móviles, lambe-lambes interativos e tantos outros, o grupo - de por volta de quinze alunos - criou intervenções artísticas no cenário urbano através do aplicativo para smartphone *Lugares Invisíveis*<sup>6</sup>, com o qual foi possível a gravação de conteúdo de áudio geolocalizado. As curtas declarações poéticas sobre pontos específicos dos mapas permitiram o resgate de memórias, o compartilhamento de impressões, a “visibilidade” das rugosidades espaciais, a crítica social e a confecção de “ciberpoesia”.

Nos dois projetos supracitados, os exercícios de ver e de produção midiática permitiram vivenciar de maneira crítica, ética, criativa, autônoma e consciente o papel de interlocutores, bem como de (co)autores, no processo comunicativo.

### **Considerações finais**

Com base nas experiências mencionadas (leituras teóricas, atividades leitoras plurais, experimentações artísticas, produções midiáticas), observou-se que, quanto mais os jovens estavam envolvidos nos projetos investigativos, mais se aparentavam felizes, participativos, solidários uns com os outros, livres para se expressarem e corresponsáveis com a criação de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos.

Em 2015, Beatriz Thomaz de Paula, aluna do 1º ano naquele ano, em depoimento, pontuou: “Estou há um ano no projeto *Mundo editado* e nesse tempo cresci em termo de senso crítico e me tornei melhor entendedora do mundo. [...] Tive a oportunidade de mostrar minha opinião sobre assuntos que antes não conhecia e entender de perto como funciona o mundo editado.”.

Em linhas gerais, as reflexões acerca das vivências nos projetos *O mundo editado* e *Arte na Idade Mídia* permitiram observar que:

Somente assumindo os meios como dimensão estratégica da cultura hoje é que a escola poderá interagir, em primeiro lugar, com os novos campos de experiência sugeridos da reorganização dos saberes, dos fluxos de informação e das redes de intercâmbio criativo e lúdico; pelas hibridizações da ciência e da arte, do trabalho e do ócio. E em segundo lugar, com os novos modos de representação e ação cidadãos que a cada dia mais são articuladores do local com o mundial. (MARTÍN-BARBERO, 2014, pp. 52 3 53)

---

6 Disponível em: Lugares Invisíveis. Acesso em: 25 ago. 2016.

## **Bibliografia**

BACCEGA, M. A. **Da comunicação à comunicação/educação**. Comunicação & Educação, São Paulo, v.7, n. 21, p. 7-16, 2011.

\_\_\_\_\_. Comunicação/educação: apontamentos para discussão. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 119-138, nov. 2004.

CANEVACCI, M. Prefácio. In: COSTA, C. Z. **Além das formas. Introdução ao pensamento contemporâneo no design, nas artes e na arquitetura**. São Paulo: AnnaBlume, 2010.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. Desafios culturais da comunicação à educação. São Paulo: **Comunicação & Educação**, Vol. 6, Nº 18, mai/ago, 2000.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

## **A AUTORA**

**JULIANA PÁDUA SILVA MEDEIROS** - Membro do Grupo de Pesquisa em Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens (USP), mestre em Letras pelo programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP), especialista em Literatura e Artes Visuais (UNIFEV) e graduada em Letras (FEF). Já atuou como resenhadora na Biblioteca Monteiro Lobato, arte-educadora nas Oficinas Culturais do Estado de São Paulo (POIESIS), docente no Ensino Superior, além de ter ministrado cursos para formação de professores. Atualmente, leciona no Colégio São Domingos, onde já orientou projetos de investigação nos seguintes eixos: artemídia, gamificação, intersemiotividade, leitura de imagens, literatura comparada, produção midiática, transmidiação, entre outros.